SEGUNDA SECÇÃO

O JORNAL

QUATRO PAGINAS

ANNO XXIII — RIO DE JANEIRO — DOMINGO, 27 DE ABRIL DE 1941 — N. 6.712

"A geração do Orpheu"

Adolfo Casais MONTEIRO

(Copyright dos "D. A.")

LISBOA, abril — Periodicamente, irrompem, da curva da evolução literaria, angulos agudos em funcção dos quaes a curva geral soffre uma nova inflexão, ora neste ora naquelle sentido, angulos que, quebrando a monotonia e o equilibrio, constituem como que um novo ponto de partida, do qual tudo parece recomeçar. E' com o tempo que começamos a poder ver que essas projecções abruptas não são na verdade o principio do mundo, e que os novos valores, as novas tendencias, o novo espirito, pode muito bem integrar-se na curva que interrompeu, dando-lhe sem duvida um toque em determinado sentido, mas não a quebrando de modo algum. Quando se fazem as revoluções literarias, é preciso "crer" que se está a refazer o mundo. E deve notar-se que esta impressão que têm, que precisam de ter os iconoclastas de cada nova geração (nem de todas: só os daquellas que realmente renovam), bem a podemos, sob certo ponto de vista, e em apparente contradicção com o que se acaba de affirmar, ter como justificada. Não é, com effeito, contra as virtudes da geração que a precedeu que uma nova geração se levanta: é contra os vicios que ficaram, quando, anchilozadas as virtudes, o envelhecimento se traduz por qualquer forma de academismo, em que nada perdura já do que foi vigor e vivacidade, audacia e renovação. E' mais tarde que a uma e outra podemos já ver apenas no que trouxeram de fecundo; então, amortalhado pelo tempo, que não perdôa o que fôra feito para morrer, só vemos os cumes, e até ás vezes, por isso mesmo, caimos na injustiça de condemnar os iconoclastas, julgando que era ao vivo do que os precedera que elles queriam combater.

Quem diria, em 1918, ao abrir as paginas "escandalosas" do "Orpheu", que um Fernando Pessôa e um Mario de Sá Carneiro poderiam um dia ser integrados na corrente geral da poesia portugueza, que o "escandalo" que as suas obras constituiam poderia vir a ser, pelos criticos futuros, integrado sem escandalo numa evolução, por elles só apparentemente quebrada? Quem, lendo em "Poemas sem supporte" do segundo, a "Ode Maritima" e a "Ode Triumphal" do primeiro, pensaria que, em vez de terem "acabado" com a poesia, elles estavam precisamente a fazer nella a transfusão de sangue que a arrancaria, ao mesmo tempo, dos perigos do symbolismo e do formalismo tradicionalista, a cujas mãos morria então a nossa poesia?

E' certo que ha ainda muita gente que, vinte e cinco annos depois da rapida passagem do "Orpheu", que abriu o caminho ao chamado "modernismo" e logo morreu, continua incapaz de aceitar o que já é, para outros, patrimonio definitivo da nossa cultura, perfeitamente absorvido e aproveitado por novas gerações. Este, sim, que é phenomeno estranho e difficilmente comprehensivel. Mas porque não se ha-de procurar-lhe uma explicação?

Antes de mais nada, é necessario relancear os olhos por essa geração do "Orpheu". Antes disso, mesmo, temos de nos perguntar se na verdade se trata duma geração. E ainda, se se trata duma "escola".

Se, apparentemente, os chamados "modernistas" (nome que, por improprio que seja, temos de aceitar por commodidade, pois toda a gente sabe o que designa) se apresentaram ao publico com ares de geração — conferencias, revistas, exposições, manifestos collectivos — o certo é que isso não representa senão a superficie do movimento; é a necessaria coordenação de varias tendencias individuaes, que traçam uma directriz commum e provisoria, para melhor agirem sobre o publico. Mas, se para além das manifestações nos curvasmos attentamente sobre as varias personalidades, revela-se-nos uma profunda disparidade, de que o proprio "Orpheu" basta para nos dar um exemplo bem claro: é ver os poemas mallarmeanos de Luiz de Montalvor, os sonetos symbolistas de Alfredo Guizado, e os não menos symbolistas "Poemas", de Eduardo Guimarães. E, em todas as revistas em que se affirma essa geração, no "Portugal Futurista", como no "Centauro", como mais tarde na "Contemporanea" e na "Athena", é de notar sempre uma mistura de elementos que chega a ser desconcertante.

O que encontramos é, através das mais variadas manifestações, a affirmação duma série de personalidades, aqui e ali manifestando conjuntamente uma attitude theorica, uma posição combativa, mas revelando-se acima de tudo como individualidades irreductiveis. Estamos talvez em face duma geração. Duma escola? Não, porque os "mot-d'ordre" vão variando, e não chegam mesmo a penetrar profundamente a obra de nenhum delles. O publico, mal os lia, e se lia não entendia, é que criou os rotulos de futurista e de modernista, dando a illusão dum movimento coordenado que de facto nunca existiu.

Vejamos agora outro aspecto: se se trata duma geração, é natural que encontremos representados nas suas criações varios generos, e o grupo composto de poetas, de romancistas, de dramaturgos, de criticos, etc.? Illusão! E' este o aspecto mais curioso do movimento: se de facto elle produziu algumas tentativas theatraes, se por vezes tomou attitudes criticas (comtudo, principalmente polemicas, como no celebre e admiravel "Manifesto Anti-Dantas" de Almada Negreiros) o certo é que nem um romancista, nem um dramaturgo, nem um critico surgiram desta geração. Foi pela poesia que ella se manifestou predominantemente, e foram dois poetas quem, literariamente, ficaram do movimento, se elevaram acima delle, e perduraram: Sá-Carneiro e Pessoa. Almada Negreiros, que podia ser um grande dramaturgo (vejam-se alguns admiraveis fragmentos de peças que tem publicado) deu-se mais á sua obra plastica, e a literatura ficou a ser para elle um instrumento secundario.

Mas, se estes tres artistas deram, pela força das suas personalidades, vida e persistencia, embora no fundo infundamentadas, a um movimento de conjunto, a verdade é que nada diverge mais do que as obras respectivas. Essa geração não marcou uma direcção á prosa novellesca, apesar das novellas de Sá-Carneiro; não marcou uma direcção ao romance, porque não os produziu; deixou na mesma o theatro, porque nenhuma das suas tentativas chegou a ter realização. Foi a poesia que ella marcou profundamente. E é essa precisamente a razão pela qual a "geração modernista" é ainda hoje objecto de desconfiança e duvida para muita gente. Como póde a poesia attingir o grande publico, quando essa poesia e esse publico se encontram precisamente em dois polos extremos: a poesia numa phase "fechada", o publico numa phase accentuadamente estupida.

A "geração modernista" não podia deixar de ser um destes movimentos literarios feitos para se darem longe do grande publico. A época assim o impunha, na qual a poesia era, talvez como nunca tinha sido, ou uma pseudo-poesia desprezada por todos quantos tinham o sentido da poesia, ou uma arte fechada, a verdadeira, e fechado tanto por imposições internas como externas.

Não nos admiremos pois que ainda seja possivel haver quem negue a mais elementar aceitação a poetas como Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Elles não tiveram geração que os impuzesse, foram phenomenos iso-

(Continua na 2.ª pagina)

Separando o joio do trigo...

Garcia JUNIOR

(Copyright dos "D. A.")

FOI se não me engano o brilhante Antonio Torres que, alludindo certa vez a um livro de versos do sr. Guilherme de Almeida, que hoje se repoltreia numa "fauteuil" da Academia de Letras, teve a feliz idéa de pedir a attenção de nossos poderes publicos, "devidamente encarregados de combater as endemias nocivas ao desenvolvimento da raça" — assim se expressava elle — para um terrivel surto de "bacillus lyricus" que andava estragando a nossa juventude. E como parecesse ao saudoso chronista, digno de analyse, cogitar o governo de medidas drasticas e salvadoras — maxime num paiz onde então as profissões remuneradas definhavam á mingua de braços — Torres investia contra o fallecido Casemiro de Abreu, tomando-o como responsavel por toda aquella jeremiada, mimoseando-o até com epithetos nada lisonjeiros, irreverentes! Incapaz de se affirmar em attitudes masculas, presa ainda de certo ponto ás plangentes lamentações do cantor das "Primaveras" — lamentações que, aliás, eram menos delle como brasileiro, que pelo homem que trazia nas veias o sangue portuguez — a verdade é que a mocidade de então, muito ao contrario de se atirar ao football, á gymnastica, ao remo, á natação, — que foram sempre os sports predilectos dos povos fortes — teimava, todavia, em se apegar ao lyrismo casemiriano, talvez com a mesma obstinação doentia e chronica, com que os avós se haviam agarrado aos versos de Soares dos Passos, recitando o "Noivado do Sepulcro", e sonhando de noite com pallidas Elviras e tremulas Emilias!... Mas se é certo que essa geração morria tuberculosa a deitar os pulmões pela bocca e entrementes a perpetrar máos versos, a outra morria menos, porém, além dos versos, deixava-se estiolar pelos cafés a discutir frioleiras, inclusive politica... Onde estou, porém, que talvez não obrava com razão o Antonio Torres, era quando solicitava o concurso da prophylaxia da Saude Publica para os casos que elle reputava alarmantes, ao contrario dos de hoje, que nos dão ganas de pedir soccorro á policia de costumes! Creio até fosse vivo aquelle grande espirito, arrancado tão prematuramente ao convivio de um punhado de amigos, não se limitaria a clamar tão só pela acção da autoridade incumbida de manter a ordem, iria mesmo pedir a prisão de alguns fabricantes de versos que andam envenenando a vida dos homens bons deste Brasil! Envenenando só, digo mal, mas lhes corrompendo o lar com uma poesia que é muito peor do que se lhe deitassem diariamente na sopa do jantar uma alentada pitada de arsenico... Isto me faz até pensar que aquella pobre madame Bovary não seria capaz de inventar processo tão original de se remetter alguem para o outro mundo, discretamente, suavemente, sem bulicios nem clarinadas, como esse que está destruindo o pudor, senão os proprios sentimentos nobres da mulher brasileira, já de si, coitada, infeccionada pelos males do seculo, do mundo de futilidades que a cerca!... De resto, sobreleva observar que, no caso de mme. Bovary, ella propria — ante o esboroamento de seus sonhos, que eram afinal os de uma mulher que não soubera resistir ás tentações da sua propria vaidade, que se transviara, portanto, do caminho do dever — resolveu, muito acertadamente, transferir-se para outro planeta — não talvez sem ter antes o cuidado de abrir o Chernoviz do marido, do dr. Bovary, afim de constatar até que ponto vae a curiosidade feminina, mesmo quando se trata da morte"... Um exemplo dignificante nos legou, todavia, aquella pobre senhora: não fez versos, mas quando eu digo não fez versos quero dizer apenas que ella teve em alto conceito não perpetral-os á maneira de certa poesia que escapa á visão dos nossos dias, que pode ser um reflexo do estado de alma, porém que é uma temeridade trazer para a rua... No momento actual da poesia brasileira, o exemplo daquella senhora que morreu de amor, chegando a proporcionar ao divino Flaubert — que lhe pintou os derradeiros instantes de vida — phenomenos identicos ao da intoxicação pelo arsenico —, não tem inicialmente nenhum prestimo, morreu esquecido. Morreu porque está se indo muito além daquella pagina que vive em "Menina e Moça", de Machado de Assis, onde a malicia não sobrepuja a pudicicia, a innocencia:

"Entreaberto botão, entrefechada
(rosa,
Um pouco de menina, um pouco
(de mulher..."

Nada disto. Mas se bem que não possamos dizer nada mais de novo sobre o amor, não tem faltado, entretanto, quem como a sra. Corina Rebuá exponha-o cá fóra, na luz meridiana, neste tom:

"Um beijo, uma volupia, a posse,
(o gozo,
A surpresa do espasmo, o corpo
(lasso,
A imperiosa exigencia do repouso,
A embriaguez, o momento de
(cansaço;

Toda essa phase material, não
(ouso
Enfrentar, recostando-me em teu
(braço,
Porque se nelle tu me deres pouso,
Nunca mais tu te irás de meu
(regaço.

E como não lhe basta, — forçoso é confessar — alto poder descriptivo no arremate do quadro, lá vem o momento em que a poetisa, ouvindo certamente a voz da reflexão, da propria consciencia peccadora, resolve tardiamente appellar para o raciocinio:

"Esquece-me eu te peço. Ha mais
(nobreza
Em renunciarmos toda esta gran-
(deza
Em prol daquelles que entre nós
(estão.

Olhemo-nos, serenos, impassiveis,
Pois teremos de ser dois impos-
(siveis
Vencidos pelo gume da razão.

Quando me lembro que Antonio Torres condemnava os versos quasi innocentes do sr. Guilherme de Almeida, só porque achava que em nada interessava á humanidade saber da historia de beijos e abraços e coisas correlatas que o poeta andara permutando com sua amada, eu bem quizera ver com que cara elle ficaria depois de ter lido "Estoicismo" da sra. Rebuá, e o que della diria...

Possivelmente — como homem educado que era — talvez que o saudoso autor de "Pasquinadas Cariocas", já cansado de zurzir manipansos, ficasse vacillante entre aquellas arremettidas de Don Quixote e de Rolando, que eram muito suas, e o coração cheio de piedade e tolerancia que eu ainda conheci vibrando naquelle egresso da Igreja. Tenho até que, vivo que fosse, iria reler os versos do sr. Guilherme de Almeida:

"Quando velhos e tristes, na me-
(moria
Rebuscarmos a triste e velha his-
(toria
De nossos pobres corações de-
(functos

Que estes versos na hora da sau-
(dade
Prolonguem numa doce eternidade.
Os poucos mezes que vivemos
(juntos."

Depois disto talvez concluisse amargurado, que o que elle reputava por aquelle tempo patifarias de poeta, não passava evidentemente de um quadro, sem favor, digno da mais innocente e bucolica pagina de Rodrigues Lobo Soropita, como diria o velho Camillo, muito embora esse, quanto á irmã do "Pistula" do "Eusebio Macario", não o reputasse indigno de muito chicote!... Com isto estou ainda que o critico se metteria de novo em sua velha batina e retomaria o caminho da sua querida Diamantina, recitando um "mea culpa"! Abalaria em botas de papa-leguas, como quem fugisse dos castigos infligidos a Sodoma e Gomorrha. Em vão estou poder-lhe-ia a sra. Rebuá — em que reconhecemos dotes de poeta, aliás, pessimamente conduzidos — lhe dizer do alto da Mantiqueira o "Tudo acabado":

"Agora eu vivo da saudade apenas,
Minhas horas são mortas e se-
(renas,
Tudo em torno de mim nem mais
(me affecta."

Inutil. Nem assim Antonio Torres regressaria ao Rio de Janeiro, nem elle, nem eu, nem S. Cypriano — que tinha até um certo espirito malicioso em julgar as mulheres — nem o austero S. Thomaz... Talvez até que resolvesse se embrenhar pelo S. Francisco como quem busca a Terra da Redempção ou deseja reviver a existencia dos emulos de Anchieta e Nobrega...

• • •

Ao passo que outro qualquer que daria discrente do rumo á que vae a poesia no Brasil, — creio bem que ella não morreu ainda, — estou que muitos hão de se valer della para cantar a nossa natureza — aquelle mesmo velho thema que Antonio Torres tanto louvava no estro de Da Costa e Silva quando publicou "Zodiaco" — que elle proprio não resistia transcrever em "Redemoinho":

De repente
O redemoinho rapido, revolto
E desenvolto, volteia, envolto

No vortice envolvente
Do pó que sobe sacudido, solto
No aéreo ambiente.

(Continua na 2.ª pagina)

ESPERANÇA

Maia RONAL

(Para os "D. A.")

(Aos que sabem o que é soffrer sem dizer nada)

— "Sáe dahi, tição!
— "Mas que negra burrinha...
E a pretinha
Ria,
Com mais vontade de morrer do que de rir.

E se um dia
Ficasse clara como os filhos da patrôa,
Como nos lirios do jardim, como a lua do céo?
Namorava, com os olhos esbugalhados de desejo,
Os lirios, a lua, as pedrinhas brancas do muro,
Tudo o que não era escuro
Como ella.

Naromava as cores claras, ella que era de côr.
Como gostava de côr de rosa... Mas ninguem lhe dizia:
"Meu amor"
Como ás outras crianças,
Só por causa de um vestido côr de rosa.
Ninguem lhe dizia,
"Meu bem, como estás coradinha"
quando corria.
De um lado para outro, trabalhando, ao invés de correr á tôa
E sempre alegre, como os filhos da patrôa.

De anno em anno, lhe davam um brinquedo barato
Como se joga um osso ao cachorro vira-lata, que está
[com fome.
Mas ninguem lhe fazia festas. Ninguem, desde que a mãe
[morrera.
Ah! porque não era branca? Porque não podia ficar rosada
Como as meninas ricas, que ganhavam
Beijos e bonbons?
Beijos, para ella, Conceição?
Ninguem beija um tição.

De repente, olhando os tições ardentes, reparou
que o leitãozinho que puzéra sobre as brazas
E que era escuro como ella
Se transformava numa côr linda de rosa.
As brasas queimavam
Conceição bem o sabia...
Porém que lhe importavam
O perigo e a queimadura dolorosa?
O que a pretinha queria
Era ficar, um só minuto, muito clara e côr de rosa,

Então,
Sem um grito, sem uma hesitação,
Num gesto resoluto e bem ligeiro,
Conceição
Atirou-se ao braseiro.

"A comedia literaria", satira critica e ensaio

O sr. Osorio Borba é talvez o mais festejado dos articulistas brasileiros. Frequentador assiduo dos supplementos literarios dos jornaes cariocas, principalmente do O JORNAL, soube em pouco tempo angariar um publico fiel, que espera ansiosamente os seus artigos dominicaes. Polemista, estudioso da literatura nacional, lutou com galhardia sustentando pontos de vista que enunciava nos seus escriptos. Muitos delles, merecedores por todas as razões de serem acolhidos mais duradouramente em livro, ao lado de outros, completamente originaes, formam essa deliciosa "A comedia literaria", que a Editora Alba acaba de lançar.

Esse livro, destinado ao mais franco successo, ha de ser certamente um dos mais discutidos do anno de 1941. Ali estão as polemicas com o general Bertholdo Klinger, sobre a orthographia racional, e com o poeta Menotti del Picchia, sobre a moderna literatura brasileira. Ali estão, em traços firmes de critico, perfis de varios homens de letras brasileiros, taes como Humberto de Campos, João Ribeiro, Graça Aranha, Lima Barreto, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Augusto Frederico Schmidt. Não podem ser esquecidos, nesta breve enumeração, os artigos em que o autor procura "o peor poeta vivo do Brasil", e aquelles em que, sob o titulo geral de "O transeunte da cidade das letras", focaliza a nossa vida literaria, a Academia de Letras, os volumes e autores que o leitor desconhece, curiosidades e indiscreções sobre os nossos belletristas, estas ultimas com o titulo "As roupas debaixo da gloria".

Dentro dessa enorme variedade de assumptos que é "A comedia literaria", o sr. Osorio Borba conseguiu estabelecer para o seu livro uma perfeita unidade. As tres partes em que se decompõe, os commentarios dos aspectos typicos da literatura brasileira, os estudos e polemicas, e os perfis formam como que um todo, do qual diz bem o suggestivo titulo do volume. A capa é uma bella composição do desenhista Augusto Rodrigues.

Osorio Borba
A COMEDIA LITERARIA
alba

A guerra perpetua

Fidelino de FIGUEIREDO

(Copyright dos "D. A.")

A LUTA com a estupidez occupa grande e ingloria parte da nossa vida. Nella consumimos ou desperdiçamos muito mais tempo que o attribuido por certo estatistico norte-americano ás operações subsidiarias da vida: vestir e despir, calçar e descalçar, as varias fórmas da hygiene e das actividades vegetativas. Muito pouco ficaria para as operações superiores: o exercicio de uma profissão e o cultivo do espirito.

Neste calculo ha de mais e de menos.

Ha de mais, porque num grande numero de casos o exercicio da profissão deveria ser incluido no tempo mal gasto, ou porque se não ame a profissão ou porque ella não revista nenhuma utilidade social. E ha de menos, porque muitas dessas operações subsidiarias, já são vida e gratas formas de vida.

A algumas as technicas modernas juntaram um prazer novo: o sentimento de victorias faceis sobre a natureza hostil, a cada momento, quando utilizamos a immensa apparelhagem que nos rodeia. O tempo e a experiencia nos dirão que da vida pouco mais se aproveita que isso, o prazer simples: o espectaculo de uma bella manhã, um deslumbrante poente, o passeio despreoccupado a pé, o sorriso de uma criança, a conversa dos amigos, o dever cumprido, o accordo do humor e do indumento com a atmosphera.

Mais certeira haveria sido a curiosidade estatistica do americano, se contasse as horas em cada dia perdidas na luta contra a estupidez. Essa contagem tinha, porém, um risco: dividir os homens em intelligentes e estupidos, quando os não ha completamente intelligentes, nem completamente estupidos, como tambem não ha aquelles typos integralmente bons e integralmente máos, da psychologia rudimentar, toda em contraste, de nossos avós romanticos. Ha pessoas em quem predomina o exercicio da intelligencia e pessoas em quem predomina a cegueira estupida, mas umas e outras são a cada instante vencidas por egoismos e interesses, por injuncções e contagios sociaes, que as fazem descer da sua condição normal ou superal-a. Recordemos as decepções e surpresas, que em cada dia recebemos na conversa e na observação e que nos levam a commentar: — Parece impossivel que uma pessoa intelligente diga ou faça tal coisa! — Como este estupido soube ver a defender-se!

A luta com a estupidez absorve e desperdiça a maior parte das nossas energias. Parece que é inevitavel condição humana. A estupidez é infinita, multiforme, proteicamente obstinada. A verdade é só uma; as mentirosas deformações della são incontaveis. Tambem a intelligencia tem um só caminho para a sua marcha; todos que o percorrem se encontram. Mas os erros e enganos da estupidez são centros de estrellas de caminhos. Formam um mundo fantastico sem limitações. Cada estupido que surge augmenta-o com novas fantasmagorias. Ha momentos em que esse mundo do erro e da mentira, por superpovoado e extenso, afoga totalmente o pequeno perimetro da verdade e da recta consciencia. Os erros e todas as creações da estupidez, de boa e má fé, vivem comnosco a toda a hora, acompanham-nos em todos os movimentos e gestos, comem comnosco, dormem comnosco, lado a lado, como as sylphides e os genios, os deuses e semi-deuses da velha mythologia. O fundo do nosso caracter é formado por essa coisa mysteriosa, que se chama o subconsciente e que provavelmente é a memoria da especie, a sobre-posição de toda a experiencia millenaria da columna infinda dos nossos avós. De lá irrompem, a cada passo, as intuições e os erros, a intelligencia e a estupidez collectivas, para nós sempre com a mesma physionomia de conhecimento irracionado, por isso de difficillima destrinça.

Chamo estupidez a toda a visão chocantemente errada e a todo o juizo clamorosamente errado, por querer ou sem querer. Era este o sentido que dava á palavra Léon Daudet na sua saida famosa sobre o seculo XIX, para elle um panorama de erros de juizo.

Ha a estupidez activa, filha da ignorancia petulante e da má fé; e ha a estupidez passiva, humilde, filha da conformada limitação do horizonte. E' a primeira que mais faz soffrer, que é quasi a estupidez dos intelligentes.

Se cada um de nós, de caderneta na mão, fôr apontando durante vinte e quatro horas de convivio social os encontros que faz com os avantares diversos da estupidez, os combates que tem de lhes dar e os delictos de franca estupidez em que tambem incorre, terá de reconhecer que perde nisso muito mais tempo que a comer e a vestir-se, a engraxar-se e a dormir — como suppunha o nosso americano — sem achar nesses encontros da estupidez propria e alheia aquelle pequeno prazer da euphoria e da independencia facil das taes operações subsidiarias da vida.

Toda medalha tem anverso e reverso. Nesses duellos quotidianos havemos de nos encontrar algumas vezes com a intelligencia dos estupidos, porque ha na vida coisas tão estupidas que só pelos estupidos podem ser percebidas. E' uma especie de affinidade electiva, de linguagem esoterica ou instinctiva dos asnos.

O exercicio do poder, do grande, do pequeno e do pequenissimo poder, dá talvez o ultimo favonio para o brotar da estupidez má, que não tem outra finalidade senão sentir-se e gozar-se. Nada o homem tema ou deseja mais que o dominio sobre o homem. Ninguem conhece o seu amigo mais intimo se o não viu sob a acção de uma grande dôr, a administrar interesses ou a exercer qualquer forma do poder. Todo o amanuense pode contar um pequenino drama com o seu chefe immediato. Não ha sabio, homem de letras, professor illustre que não recorde os azedumes dum chefe, decano, director geral, ministro, aquella tragedia surda que persegue todos os Bergerets. E' que a estupidez — em grande medida sinonymo de maldade — é uma arma de defesa social, como o comico, é um látego que o gregarismo intolerante brande contra a rez que se destaca do rebanho, é a vingança do instincto igualitario da multidão contra a personalidade livre ou simplesmente indisciplinada. E' ver como ella se exerce sobretudo nos meios de apparente uniformidade moral, produzida pela identidade da funcção: academias e quarteis, internatos e prisões, officinas e conventos.

A estupidez é inextinguivel, não só porque os limites do conhecimento do homem são muito restrictos, mas ainda porque nem toda a estupidez procede dessas limitações da intelligencia, vem tambem das limitações do coração. Os intelligentes, os instruidos, os medianamente sabios têm tambem sua estupidez, feita de orgulho e despeito, de rivalidade e má fé. Quanta estupidez parasita e cresce nos meios intellectuaes, scientificos e literarios, academicos e universitarios, a tal estupidez do coração arido! Pelo contrario, quanta intelligencia tenho achado em corações humildes, que nada sabem dos segredos do universo, dos methodos scientificos e da disciplina, logica, mas que attendem e escutam com ansiedade o que o bom Deus lhes

(Continua na 2.ª pagina)

Autores theatraes dos Estados Unidos

R. NAVARRA

(Para os "D. A.")

PARA a indigencia da nossa literatura theatral, de que já falou uma vez o illustre critico Alvaro Lins, é de grande utilidade divulgar, como um exemplo estimulante, o que se tem feito nos Estados Unidos — irmão mais velho e mais rico da cultura do continente, e ao mesmo tempo tão caricaturado como utilitarista inimigo da cultura — quanto a esse genero de producção artistica.

Temos uma fonte de informações numa publicação do "Departamento de Cooperação Intellectual da União Pan-Americana", de Washington, um estudo historico sobre a vida theatral e a literatura dramatica norte-americana: "Um decennio do drama norte-americano", por John Gassner. E' a primeira publicação de uma série denominada "Pontos de Vista", que aquelle Departamento começou a editar faz um anno, com a magnifica finalidade de desenvolver uma inter-propaganda intellectual de accordo com o programma pan-americanista. Iniciativa, como se vê, que poderá trazer o melhor incentivo á cultura do continente. Taes estudos serão sempre traduzidos nas demais linguas americanas. O do sr. John Gassner já nos chega traduzido em portuguez.

O autor começa esclarecendo: "Dizer que o theatro dos Estados Unidos é o de mais recente creação entre os theatros nacionaes de importancia no mundo actual, não constituirá novidade para ninguem". Da literatura dramatica pode dizer-se o mesmo, pois em todos os tempos ella tem acompanhado o desenvolvimento da propria vida theatral, autores e actores se condicionando entre si: os exemplos classicos de Shakespeare e Molière, interpretando os personagens por elles creados, e os exemplos modernos, um pouco mais modestos, de Sacha Guitry e Clifford Odets, ex-actor, a quem o sr. Gassner attribue um papel de maior relevo na historia contemporanea do drama americano.

Ao lado das famosas e vulgarissimas fantasias theatraes da Broadway, destituidas de qualquer significação mesmo indirecta para a cultura artistica do paiz, o theatro sério, a verdadeira arte, dramatica, surgiu definitivamente nos Estados Unidos poucos annos depois da guerra. E' verdade que nem tudo que se pretendia ser sério, era-o na realidade. Através desse esforço para creação do "drama norte-americano", um theatro intellectualmente elevado e ao mesmo tempo ligado á vida nacional, encontrando, por vezes, num grão francamente humoristico, os signaes da ingenuidade artistica dos norte-americanos. E' o proprio sr. Gassner quem nos conta muito innocentemente um desses factos. O governo fundara uma especie de Serviço Nacional do Theatro, para intensificar a vida theatral e desse modo alliviar a onda do desemprego. Sob a protecção official formou-se um genero muito curioso, que o sr. Gassner denomina "a mais original contribuição dos Estados Unidos ao genero dramatico": era o "living newspaper" — "dramatização de problemas de actualidade relacionados com a agricultura, o trabalho, os serviços publicos, a vivenda popular ou as doenças venereas". Desta vez o senso pratico dos norte-americanos, e tambem do nosso historiador, foi evidentemente mais forte que o senso artistico... O radio podia muito bem encarregar-se desse genero theatral, pois não podemos de modo nenhum concordar com a opinião do sr. Gassner quando escreve: "Drama do povo e para o povo, o "jornal vivo" perde muito quando simplesmente lido, a não ser que o leitor tenha grande poder de imaginação. (Nisso elle é sensato). Porém, sem procurar sobreviver como literatura, o que tinha em vista era enriquecer a scena theatral com honradez intellectual", etc. (Já agora o juizo critico do sr. Gassner parece quasi anecdotico).

A primeira peça do theatro nacional norte-americano, de valor meramente historico, chama-se "The Contrast", de Royall Tyler, representada em 1787. Um seculo depois apparece um dramaturgo de maior importancia, James Herne. Era pelo fim do seculo XIX. Até o começo do seculo actual, apontam-se alguns autores mediocres, como Fitch, Moody, Thomas e Walter. Somente depois da guerra é que se pode falar de uma arte dramatica nos Estados Unidos. A 2 de fevereiro de 1920, estréa Eugene O'Neill com "Beyond the Horizon". Um mez mais tarde, representa-se a primeira versão de "Anna Christie" e oito mezes depois "Emperor Jones".

Mas agora O'Neill já não é um autor isolado. Entre 1920 e 29, a época é de grandeza economica, o publico mais amigo do theatro, e a literatura ganha alguns nomes de valor: Maxwell Anderson, George Kelly, Elmer Rice, Marc Connelly, Sidney Howard, George Kaufman, e posteriormente Robert Sherwood, Paul Green, S. N. Behrman. Em 1928, estréa Waldo Frank com "New Year's Eve". No decennio seguinte é que o nome de Cliffords Odets occupa uma situação de primeiro plano como director theatral e autor dramatico.

A maioria desses autores nunca despreza a tonalidade politica. A mystica da liberdade assegurada em face do Estado parece tão organicamente entranhada no caracter americano que o thema do homem opprimido já é menos um thema de ordem politica do que de ordem espiritual e humana. De qualquer modo, ha uma vasta bibliographia theatral, onde transparece sempre um ponto de vista politico e social, de propaganda contra o fascismo e a injustiça economica. Essa tendencia ficou mais forte com a grande crise financeira que iniciou o decennio de 30. O descontentamento social inspirou mesmo o chamado theatro revolucionario. O "Federal Theatre" (hoje extincto) tornou possivel a encenação de uma peça de autor afro-americano, "Haiti", de William Du Bois. Entre as peças mais caracteristicas do theatro feito acção social, estão "Stevedore", drama sobre o conflicto racial; "Black Pit", de Albert Maltz; "Let Freedom Ring", a luta dos montanhezes contra o industrialismo, de Albert Bein.

Não deixou, porém, de haver algumas figuras acima de qualquer estreiteza partidarista, mais perto da verdadeira tradição artistica. Assim, Eugene O'Neill, o grande mestre do drama americano, na sua melhor obra, "Morning Recomes Electra", aproveitando o thema do puritanismo e do utilitarismo para compor uma tragedia psychologica. Em "Days Without End" confirmou essa tendencia de inspiração freudiana.

Maxwell Anderson fez drama historico com "Elizabeth, the Queen" e "Mary of Scotland" e um pouco de drama romantico com "Night Over Taos", "The Wingless Victory", "High Tor". Nesse autor, porém, ha uma circumstancia particular. Anderson fôra jornalista em outros tempos. As questões do momento não deixaram indifferente esse antigo gosto pela analyse, o commentario do dia. Dahi uma peça satirica contra o Congresso, "Both Your Houses"; outra sobre a perversão da justiça e os preconceitos sociaes, "Winterset"; outra sobre a immoralidade industrialista, "High Tor"; "The Masque of Kings" foi uma peça de scepticismo politico; "Knickerbocker Holiday", uma satira contra os dictadores.

Paul Green é um laureado do

(Continua na 2.ª pagina)

NOVISSIMAS PUBLICAÇÕES

LABOR

EM HESPANHOL

MEDICINA

TRATADO DE LAS ENFERMEDADES DEL LACTANTE, 3ª edición, pelo prof. H. Finkelstein, 1 tomo encadernado com 911 pags. e 210 illustrações em preto e côres ... 180$-

TRATADO DE PATOLOGIA QUIRURGICA GENERAL, 3ª edição pelo dr. M. Bastos Ansart, com 878 pags. e 489 illustrações ... 180$-

OPERACIONES EN EL CEREBRO Y CRANEO. OPERACIONES EN LA COLUMNA VERTEBRAL Y MEDULA ESPINAL, pelo prof. N. Guleke, 1 tomo encadernado com 500 pags. e 274 illustrações em preto e côres ... 185$0

OPERACIONES EN LAS PARTES BLANDAS Y ESQUELETO DE LA CARA, pelo professor Kleinschmidt, 1 tomo encadernado com 678 pags. e 708 illustrações em preto e côres ... 220$0

DIABETES SACARINA, pelo prof. W. Falta, 1 tomo encadernado com 280 paginas ... 57$0

LAS ENFERMEDADES INTERNAS DE LA VEJEZ, pelo prof. A. Muller-Deham, 1 tomo encadernado com 274 pags. e 8 figuras ... 70$-

PATOLOGIA FUNCIONAL, pelo prof. G. von Bergmann, 1 tomo encadernado com 592 pags. e 73 illustrações ... 110$-

TRATADO DE OBSTETRICIA, pelo prof. A. Doderlein, 2ª edição, 2 tomos encadernados com um total de 1.181 paginas, 859 figs., 5 laminas em preto e côres ... 200$-

ENGENHARIA

TERMODINAMICA APLICADA, pelo prof. M. Lucini, 1 tomo encadernado com 86 figs., 7 taboas numericas, 4 diagrammas e numerosos exemplos soltos ... 34$-

ELECTROTECNIA, pelo prof. K. Laudien, 1 tomo encadernado com 548 pags., 792 figuras e numerosos exemplos para o ensino autodidactico, 2ª edição ... 54$-

LA INDUSTRIA MOLINERA, por C. Andrae M., 1 tomo com 318 pags., 719 illustrações e 75 taboas ... 41$0

LOS PRESUPUESTOS EN LA CONSTRUCCION DE MAQUINAS, pelo prof. H. Bethmann, 1 tomo encadernado, com 124 pags. e 62 figuras ... 17$-

COMPENDIO DE LABOREO DE MINAS, pelos professores dr. F. Heise e dr. F. Herbst, 1 tomo encadernado, com 319 pags. e 386 illustrações ... 57$0

PROBLEMAS DE MECANICA GENERAL Y APLICADA, pelo eng. Wittenbauer, 3 tomos encadernados com um total de 1.040 paginas, 1.332 figuras, 1.098 problemas com suas soluções e uma collecção de formulas ... 180$-

EL HORMIGON ARMADO, pelo prof. E. Saliger, 1 tomo encadernado com 740 paginas 562 figs. e 146 taboas numericas ... 104$-

LA TECNICA DEL EMBUTIDO DE PLANCHAS. EL TRAZADO EN CALDERERIA, pelos engenheiros W. Sellin e A. Dorl, 1 tomo encadernado com 208 pags. e 169 gravuras ... 28$-

Solicite estas obras nas Livrarias importantes
GRATIS receberá V. S. o catalogo Labor enviando o coupon a

EDITORIAL LABOR DO BRASIL S. A.

RIO DE JANEIRO:
Rua Buenos Aires, 104
Tel.: 23-6181

SÃO PAULO:
R. Barão de Paranapiacaba, 52,
3º andar

Todas as obras do extenso catalogo LABOR podem ser examinadas SEM COMPROMISSO, na casa editora, a qual facilita sua acquisição em liberaes condições de pagamento.

Se V. S. desejar maiores informações poderá solicital-as pelo telephone 23-6181

COUPON

Para o envio, gratis, do CATALOGO LABOR e condições de venda a prazo.

Nome ....
Domicilio ....
Cidade ....
Estado ....

OJ ME 27/4/41

Separando o joio do...

(Conclusão da 1.ª pagina)

Tampouco estou certo, deixaria Antonio Torres de ter uma palavra de animo e enthusiasmo á poesia que exalta e constróe, sadia, patriotica, como é essa que Arnaldo Nunes faz em torno da "Retirada da Laguna":

Foi em mil oitocentos e sessenta
E cinco, na agonia mui violenta
Do verão tropical, a melopéa
Do sol beijando a terra e rebentando
O humus em vida, em flor, em fruto quando
Começou essa tragica epopéa.

E é como debaixo da canicula ardente que, o poeta começa a ver os homens que passam, estuantes, banhados de suor e poeira; a luta titanica do brasileiro contra a natureza da terra em adustão, e que dir-se-ia resurge não como mãe complacente e terna, mas como inimiga do proprio homem; e depois é o desenrolar dramatico da marcha para Miranda — toda uma odysséa de soffrimentos que dir-se-ia é uma apostrophe sobre aquele pugillo de bravos... Então é como se o inimigo se tivesse acumpliciado com o cholera, o fogo, a fome ceda qual a rondar as passadas dos nossos, sem desfallecimentos, como animados de sortilegios diabolicos. Então é quando o poeta diz:

"Escasseiam os viveres; o gado
Perde-se no atoleiro tresmalhado:
E é preciso partir de animo forte,
E', preciso avançar, e sem demora,
Uma vez que o terreno não melhora,
E ha pranto já, e fome, e peste, e morte...

Sob a ronda sinistra da desgraça alcançam Miranda, porém ainda assim é com os olhos voltados para o céo, da terra que lhe foi berço que todos, attonitos, compungidamente contemplam o rosto do bravo coronel Galvão:

"Parece que sorri envaidecido,
Levando ainda o Brasil no pensamento:
. . . .
O Brasil tão sincero tão humano
Este Brasil que não se esquece nunca!"

Entretanto a obra sinistra da morte ainda não attingia ao paroxismo, e ainda outras vidas rolarão para o inanimado; o guia Lopes, Camisão...

"Ouvem-se os tristes orgãos de outra esphera
A quebrar o silencio da atmosphera,
Espiritualizando a immensidão.
Sobem da terra appellos doloridos,
Ha por tudo soluços e gemidos,
— E' morto Camisão!"

Morto embora o grande chefe da columna, é todavia ainda o seu vulto que dentro da immobilidade do nada, dir-se-ia, conduz os seus homens para a immortalidade da gloria porque em cada um delles como se renova a coragem: um a um vão caindo pelo caminho, mas a cada corpo que baquéa, como se avigora em todos os que sobrevivem a vontade de vencer! Assim foi que numa demonstração altiloquente de tenacidade, logram emfim os derradeiros remanescentes da columna de Camisão attingir Aquidauna: eram tres mil e agora não vão além de setecentos, porém no peito de cada um delles é que o Imperio vae forjar as armas que derrubariam quatro annos depois o despota do Paraguay!

Quando venho de ler "Retirada da Laguna" — através da versão poetica de Arnaldo Nunes — exactamente quando me detenho em minha velha poltrona, preso por motivo de doença, e onde de ha dias para me distrair ando a separar o joio do trigo (não já se vê sem aquellas mesmas canseiras que atormentaram Ruth na Seára de Booz), a respigar textos de livros bons e máos que entupiam minha mesa de trabalho, se empoeirando, — folgo immensamente sentir que o seu poema teve o dom de levar minha sensibilidade de patriota e de artista. Numa epoca em que a poesia rola pelo despenhadeiro do máo gosto a que talvez nem Deus saiba onde ella vae parar — o livro de Arnaldo Nunes afóra o alto poder de me fazer crente de um outro Brasil, tornou-me como orgulhoso delle, confiante do destino que lhe traçaram um dia os heróes que se bateram nas fronteiras do Paraguay e do Prata. De resto como forma literaria não traz ainda na contextura as innovações dessa poesia kilometrica e sem metro que anda por ahi, — agrupamento de palavras sem eco as vezes mesmo sem idéas — que nem sequer rastejam nos calcanhares da "Iracema" de Alencar... O que anda por ahi é o vulgar — sempre a maneira mais facil de fugir a technica do verso, que já ninguem estuda nem sabe — e que com excepções rarissimas poderá algum dia consumir tinta de minha caneta vacumatic, ou me obrigar a urdir uma chronica... Isto eu só faria, creio bem, no dia em que fosse forçado a escrever com cipó camarão, convenientemente sapecado ao calor do fogo. Quem conhece da utilidade dessa especie de bengala do nosso roceiro que entenda...

N. do A. — Na chronica sob o mesmo titulo desta, "Separando o joio do trigo..." publicada em O'JORNAL de 13 de abril ultimo, por um equivoco de revisão saiu: Cemiterio de S. Francisco da Penitencia em logar de Cemiterio de S. Francisco de Paula ou seja de Catumby, onde está inhumado Francisco Manuel da Silva, o saudoso autor do Hymno Nacional.

O SORRISO E SAUDE
para ter saude tome todo manhã
MAGNESIA S. PELLEGRINO
COM ANIZ SEM ANIZ E EFFERVESCENTE
PURGA, REFRESCA E DESINFECTA O ESTOMAGO E OS INTESTINOS

DECORAÇÕES PASSADEIRAS TAPETES CORTINAS MOVEIS
SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES
LINES
CASA ASA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
PELOS MENORES PREÇOS
MATRIZ 65-R. DA CARIOCA-67
ANEXO 82-R. 7 DE SETEMBRO-82

A guerra perpetua

(Conclusão da 1.ª pagina)

segreda! E' a intuição profunda e adivinhadora das mães, é a objecção certeira, sem calculo e sem dissimulação, do campónio, que lança em perplexidade o sophista da politica e o ergotizador das cidades.

Na America ha a superstição do alphabeto e desdenha-se o illetrado, que dos paizes europeus para aqui vem trabalhar. Pois nesses illetrados de Portugal e Hespanha estão as maiores reservas moraes, a continuidade subterranea das patrias, a humildade disponivel das consciencias, que ante uma annunciação nova respondem: — "Senhor, faça-se em mim, segundo a tua vontade!" Dava a vida e tudo que ella me ensinou por um desses momentos de beatitude.

* * *

A metaphora, a transposição do sentido das palavras e os artificios da comparação e da analogia, enchem a linguagem humana. Sem ellas, não haveria pensamento, não haveria arte literaria, difficilmente haveria alta communicação social. Pois bem: o extenso reino da estupidez tem no espirito duas raizes profundas e inextirpaveis: a fallacia e o sophisma. A fallacia é um raciocinio deductivo, em que as premissas são apenas provaveis, e o sophisma é uma fallacia tambem, mas construida de má fé.

Se examinarmos a nossa vida social, em todos os seus contactos e em todos os seus rastros sobre a nossa consciencia, durante vinte e quatro horas, ficaremos horrorizado do largo papel que desempenham nellas a fallacia e o sophisma ou, se preferem, a presumpção de boa e má fé — homenagens da nossa hypocrisia ás virtudes da logica. Reputações pessoaes, juizos dos successos, apreciações de todos os actos, ainda os mais respeitaveis e mais escrupulosamente meditados, são construidos com esses precarios materiaes: a fallacia e o sophisma. As duas grandes guerras de 1914 e 1939 foram desencadeadas por sophismas primarios, que não convenceriam um dos taes analphabetos, se em plena liberdade de consciencia se pronunciasse.

O homem não pode viver, não pode dar um passo sobre a bola da terra, sem julgar, sem interpretar, sem optar por este ou aquelle caminho, sem tentar prever. E as muletas, a que recorre nessa perplexidade quotidiana são a inferencia e a presumpção. Mas estas duas indispensaveis operações mentaes facilmente degeneram em fallacia e sophisma, sobretudo quando, como nestes dias, decáo o espirito critico e sobe a confiança no irracional.

A veracidade e...

(Conclusão da 4.ª pagina)

adulterada. Se uma saia balão é exigida pela historia, essa saia conterá todos os elementos basicos da época, mas ao mesmo tempo poderá ter as linhas e o gosto da moda actual. Dessa maneira, dará uma idéa mais familiar, não deixando, porém, de conservar seu antigo aspecto.

Twitchell crê que se Grant tivesse de adoptar a vestimenta peculiar aos Buck e Corinthianos, da prematura Virginia, appareceria tão fantastico, que toda a assistencia se fixaria em sua indumentaria, desinteressando-se naturalmente por sua interpretação. Dahi, affirmar convicto o nosso perito:

— Os assistentes podem sentir a indumentaria, sem realmente a verem. Porque qualquer attenção voltada a objectos estranhos ao proprio espirito dominante da acção de um celluloide de alta envergadura dramatica, ainda que seja para a sua identificação historica, só concorrerá para que não se venha a sentir, em toda a sua imponente unidade psychologica, o que esse film contem de primordial, como interpretação da vida.

Twitchell, que escolheu detalhes para moveis, porcellanas, pratarias e crystaes, tambem creou o guarda-roupa de Grant e Miss Scott nesse grande film da Columbia.

RADIO SPORTS TUPI
com Ary Barroso
A's 19 horas, em 1.280 Klc.

«A COMEDIA LITERARIA»

de OSORIO BORBA

Um livro capaz de "ciceronear os amigos pelos becos, pelos cortiços e porões da cidade das letras, a expor-lhes, o pitoresco dos costumes e certos mysterios e esquisitices desse pequeno mundo agitado". Pag. 18: "A COMEDIA LITERARIA".

EM TODAS AS LIVRARIAS
Interior: Pedidos contra reembolso á
ALBA, EDITORA — Lavradio, 60 — Rio

Quando Paris...

(Conclusão da 4.ª pagina)

marcações choreographicas enfeitam innumeras sequeiras, dando-lhes um alto valor expressionista.

O enredo mostra uma formosa corista empenhada em attingir o primeiro plano da fama. Emquanto isso, dedicava-se a um joven que a amava ternamente. E quando pensava que jamais teria opportunidade de brilhar e se conformava com a felicidade modesta de um casamento — eis que o destino projecta sobre os seus encantos o jacto forte da notoriedade. Rapidamente ella ascende ao "estrellato". E, como sempre succede, é forçada a sacrificar a gloria pelo amor! A principio soffre immensamente com isso, mas não tarda muito e se refaz. Comprehende que o seu destino era aquelle. Encher de alegria as multidões que compareciam todas as noites ao theatro. Seu amor era o publico. Não podia devotar-se a um só homem. E emquanto o seu coração sangra, ella vae cantando e rindo sob a luz dos reflectores, animando com a sua graça e a sua brejeirice os "shows" sensacionaes das "Follies Bergères".

A interpretação desse film foi confiada a Arletty, Michel Simon e Jean Louis Barrault, artistas que fizeram, antes do fatidico 10 de maio de 1940, as glorias maiores do cinema francez.

Hoje, que Paris jaz mergulhada no soffrimento, as luzes apagadas, a alegria desapparecida dos labios dos seus habitantes, um film como "Paris em Revista" equivale a uma suave recordação dos bellos tempos que se foram... talvez para sempre...

CASA BANCARIA LIBERAL
CAUÇÕES SOBRE QUAESQUER TITULOS
(Juros Bancarios)
RUA LUIZ DE CAMÕES, 60

Ella começou no...

(Conclusão da 4.ª pagina)

fumos e sellos.

Sua descendencia latina é demonstrada pelo lindo bungalow estylo hespanhol que possue e pelo desejo de visitar logares onde se fala o idioma castelhano. Gosta de operas e tambem de sketches radiophonicos. Tem superstição com o n. 17.

Rita, que vimos ha pouco em "Anjos da Broadway", ao lado de Douglas Fairbanks Jr., estará novamente de volta numa comedia agradavel, "A Protegida de Papae", ao lado de Brian Aherne, para satisfazer os "fans", que já são muitos.

"CAXAMBÚ"
Hospede-se no
GRANDE HOTEL
Direcção de Joaquim Lopes
Recentemente construido

A geração do...

(Conclusão da 1.ª pagina)

lados que têm de se impôr por si proprios. E podemos mesmo dizer que, se não fosse a geração de 1930, a chamada geração da "Presença", que abriu a um largo sector do publico os olhos para o que permanecia ignorado, ainda elles não teriam sequer a celebridade que têm.

E comtudo, nós, escriptores, temos uma grande divida para com essa geração. Eis de facto a estranha verdade: a geração do "Orpheu" só através da "Presença" realizou uma grande parte da sua acção, pela influencia que sobre esta exerceu. Ella foi com effeito a reunião dos artistas mais "puros" que se possa imaginar: porque esses homens pareciam apostados em ser desconhecidos, e levaram o asceptismo da arte até ao absurdo. E foi preciso que outros viessem darlhes á obra uma repercussão que elles desdenharam buscar. Não admira pois que quasi só outros artistas tenham sido, durante longos annos, o publico destes homens que, em vida, quasi não deixaram nada de si além do que publicavam raras revistas, quasi todas ephemeras.

Esta geração, não contente pois em fazer todo o possivel para ser desconhecida, ainda teve nas suas proprias caracteristicas, no facto de só ter feito uma plena affirmação de si na poesia, outro obstaculo á sua irradiação até ao publico. Geração sem obras publicadas, geração sem romancistas, sem criticos — que tinha ella a esperar senão a incomprehensão. A sua historia, que os ainda vivos deviam escrever, seria comtudo um dos mais bellos capitulos da "historia moral" da nossa literatura. Que mais bello exemplo do que esse podiam ter todos quantos vieram para a vida literaria depois della, e lhe comprehenderam a lição.

Autores theatraes dos Estados Unidos

(Conclusão da 1.ª pagina)

Premio Pulitzer de 1927. Realizou, em "The House of Connelly" um estudo psychologico da decadencia da aristocracia do sul. "Hymn to the Rising Sun" e "Johnny Johnson", esta ultima com acompanhamento musical do refugiado allemão Kurt Weil, foram obras de um clima intensamente tragico.

Ouça a RADIO TUPI-1.280 Klc.

As casas QUE DISTRIBUEM GRATUITAMENTE AS CEDULAS DOS SORTEIOS DIARIOS ASSOCIADOS CONSTAM DO INDICADOR QUE APPARECE TODAS AS SEXTAS-FEIRAS NO "DIARIO DA NOITE"

PHOSPHOROS
USEM DAS MARCAS
SOL
E
YPIRANGA
SÃO OS MELHORES E POR TODOS PREFERIDOS

DÔR DE GARGANTA-LARYNGITE-PHARYNGITE-ROUQUIDÃO
TRATAMENTO EFFICAZ PELAS
PASTILHAS GUTTURAES
ANTISEPTICAS E MUITO AGRADAVEIS AO PALADAR
FRANCISCO GIFFONI & CIA.-R. 1º DE MARÇO, 17 RIO

FAÇA SUA FORTUNA estudando RADIO

V. S. montará durante os seus estudos este maravilhoso rádio de 5 válvulas.

Receberá um instrumento de prova para medir resistencias, condensadores, bobinas, etc.

E tambem um jogo completo de ferramentas.

APRENDA EM SUA CASA nas horas de folga para ser um
RADIO TECNICO COMPETENTE

Com o novo e aperfeiçoado método prático de nosso INSTITUTO, V. S. aprenderá todos os trabalhos manuais de um modo eficiente para montar e concertar RADIOS de qualquer marca, amplificadores, transmissões, equipos de Televisão, Cine-Sonôro etc. Poderá V. S. ganhar mais dinheiro do que o custo de seus estudos, logo após de iniciá-los. Duração dos estudos, 25 semanas. Mensalidades suavissimas. Os alunos têm direito de praticar gratuitamente no Laboratorio da séde do Instituto Radio Técnico Monitor, Avenida Ipiranga, 952, São Paulo.
MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR LTDA. 40
Av. Ipiranga, 952 – Caixa Postal 1795 – São Paulo
Snr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS e SEM COMPROMISSO o folheto com as instruções como ganhar dinheiro no Rádio.
NOME ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO .... E. F. ....

LETRAS ESTRANGEIRAS

SOBRE HENRI BERGSON

(1859 - 1941)

Euryalo CANNABRAVA

— V —

E' necessario, para surprehender o espirito da doutrina bergsoniana, possuir a aptidão de se insinuar no interior das coisas e dos seres. O bergsonismo suppõe essa qualidade fundamental de sympathizar, de se metter no recesso dos objectos para distinguir nelles o que ha de caracteristico e intransferivel, de se pôr de accordo com o rythmo que regula o curso da existencia, de se inserir no amago das formas vivas e na propria substancia do movimento e da duração. O adepto da philosophia de Bergson deve, no inicio da actividade especulativa, despojar-se de todos os preconceitos que nos obrigam a encarar as coisas e os seres sob o ponto de vista exterior. Elle deverá viver uma nova experiencia, uma incomparavel aventura que lhe revele a genese do movimento e da duração, que o faça participar sympathicamente dos gestos, das attitudes e das emoções alheias, penetrando até as camadas mais rarefeitas da vida interior.

Existe, na estructura intima do bergsonismo, uma força virgem, uma selva vigorosa que nos permittem apprehender essa energia que circula pelo universo, fazendo surgir as formas variadas e mutaveis da existencia. Constitue um dos principaes encantos dessa doutrina a sua extraordinaria flexibilidade, a riqueza de perspectivas e suggestões espontaneas que nos revelam os contornos de um novo mundo, onde a realidade é conhecida directamente, por um impulso natural do espirito que prescinde de quaesquer imagens ou representações symbolicas. Reside nas raizes dessa theoria philosophica uma renuncia sagaz ás categorias intermediarias que se insinuam entre a realidade pura e os processos espontaneos e intuitivos do espirito. O que Bergson conseguiu realizar com a maior clareza foi uma superação dessas concepções meramente intellectualistas, que collocam entre nós e a realidade uma série enorme de funcções ou categorias, cujo principal attributo é complicar o mecanismo da simples apprehensão do mundo exterior. O bergsonismo procurou evitar, dessa forma, a singular contingencia em que se encontra a maioria dos systemas, que é a de operar sobre idéas em vez de operar sobre factos. Não ha paradoxo algum na affirmação de que os philosophos, quando construiam as suas doutrinas, recorriam muito mais aos symbolos e ás idéas do que á experiencia directa. O proprio homem commum, ao elaborar o seu raciocinio, frequentemente julga pensar quanto está apenas reflectindo sobre palavras. Existe até uma certa habilidade, bastante prezada pelos espiritos superficiaes, que é a de manipular conceitos abstractos com perfeito alheiamento da realidade e a de propôr soluções verbaes para os problemas que envolvem a intuição e o sentido das coisas praticas.

Bergson suggere-nos justamente o contrario. E' evidente que a sua doutrina implica, tambem, diversas normas de conducta e que ella se objectiva em um conjunto de regras ou principios de acção. Pode-se falar em theoria e pratica do bergsonismo com a segurança de quem se refere a um systema que se desdobra em pura especulação e em actividade pragmatica ou moral. O adepto do bergsonismo deve possuir, entretanto, a aptidão de sympathizar fraternalmente com os objectos e os seres, de se installar no centro da realidade em vez de adoptar sobre ella pontos de vista relativos, deduzidos da observação e da analyse. Exige-se do discipulo de Bergson a capacidade congenita de se interessar cordialmente pelas coisas, de se transportar ao plano vital dos outros seres e de se diluir na substancia dos elementos e dos corpos que integram o universo. O sentido ultimo dessa philosophia reside, talvez, nesse dom de se entregar fervorosamente á natureza e ao mundo, sem procurar exercer sobre uma e outro a pressão da analyse scientifica e a inutil violencia dos methodos de investigação critica. O bergsonismo exprime uma renuncia aos prazeres puramente intellectuaes, á alegria de conhecer através das categorias do entendimento e ao ascetismo heroico que concentra no raciocinio logico a ultima esperança de devassar os segredos do universo. O que o philosopho deve tentar é uma especie de rompimento com os dogmas do racionalismo frio e inoperante, afim de se sentir livre para a aventura unica de penetrar a duração e o movimento que são a propria realidade das coisas.

Cabe ao philosopho a tarefa de se libertar dos habitos contraidos pela influencia da materia, pela necessidade do convivio social e da conversação quotidiana. A contingencia de falar, de expor o pensamento, de se tornar accessivel, de empregar os conceitos e as palavras, que foram elaboradas para attender ás exigencias sociaes e não aos valores da linguagem metaphysica, deturpa o proposito honesto do philosopho de exprimir com simplicidade a sua mensagem. A actividade philosophica envolve, assim, os mais serios riscos, pois todas as formas usuaes de penar e de comprehender encerram o perigo de irremediaveis desvios. A illusão mora nas dobras do acto perceptivo, insinua-se na estructura do conhecimento e procura substituir o espirito pela materia, o tempo pelo espaço, a intuição pela intelligencia e o movimento pela immobilidade. O ideal especulativo mais elevado é o de nos familiarizar com a realidade, é o de identificar-nos com as coisas simples, os sentimentos puros e as intuições espontaneas que surgem do mais profundo de nós mesmos. A essencia da philosophia, de accordo com as palavras de Bergson, é o espirito da simplicidade. Philosophar é um acto simples por excellencia.

Occorre, aqui, aquella phrase admiravel de Novalis: o philosopho tem sempre a nostalgia do lar. O que elle mais deseja é entrar na intimidade da natureza, da vida e do universo da mesma forma porque penetra em sua propria casa. A sua maior aspiração seria que os problemas especulativos suavizassem os seus contornos asperos ao contacto de nossa força espiritual e, assim como os objectos que nos pertencem, pudessem reflectir o calor e a pressão das nossas mãos. O pensador desejaria installar-se no centro das questões mais arduas da philosophia, da mesma maneira por que se installa em uma commoda "espreguiçadeira" no recesso do seu lar. Elle desejaria encontrar, em vez de enigmas insoluveis, o conforto de um leito macio, a ternura de uma esposa adorada e a segurança da propriedade garantida por todos os meios legaes.

O philosopho, pouco a pouco, se convence de que a maioria dos problemas especulativos denunciam a sua origem puramente humana. São os falsos ou pseudo-problemas que atravancam o caminho da intuição, e que nos illudem com as miragens e os reflexos de uma realidade fabricada pelos habitos, afim de attender aos imperativos da acção.

A primeira tarefa do pensador será a de eliminar os problemas, a cujos termos não corresponde nada de real ou de positivo. Basta o trabalho de enfrentar as questões verdadeiras, as antinomias e as controversias do discurso philosophico, as difficuldades que embaraçam o livre movimento do metaphysico á procura de um punhado de certezas... Não satisfeitos com esses obstaculos quasi intransponiveis, os philosophos armazenam nos seus celleiros inhabitaveis os productos deteriorados de uma fantasia desordenada, de uma intelligencia superficial e habil em crear soluções apparentes.

A maior parte dos enigmas metaphysicos se pode resolver com o simples enunciado desses problemas em termos justos e adequados. Observa-se uma confusão inicial no proprio acto de formular as questões em debate. Os philosophos não percebem que, muitas vezes, ao expor um thema qualquer, elles o fazem de tal maneira que não poderá haver solução possivel para as duvidas inopportunamente levantadas. Entre as differentes theses sobre o ser, a realidade e o conhecimento não é difficil perceber que nenhuma dellas se propõe a enunciar as premissas de forma a possibilitar uma solução adequada ou uma comprehensão mais satisfatoria do problema. Antes pelo contrario, em vez de tactear as trevas, de evitar cautelosamente os abysmos insondaveis, os valles profundos, de onde não se regressa mais, o philosopho, em geral, começa se propondo a explicar a razão por que existe o ser ou a lei que impoz ao universo a forma regular e ordenada.

A philosophia não deve nunca se preoccupar com as causas primarias, nem investigar a origem do ser, da desordem e do nada. Dedicar-se a taes pesquisas é condemnar-se á esterilidade, ou ao dogmatismo inalteravel dos systemas que nem conseguem se adaptar á propria natureza e essencia dos problemas que pretendem expor. O simples bom senso, entretanto, depõe, com todo vigor, favoravelmente á eliminação de taes interrogações vãs a proposito da precedencia do ser sobre o nada ou do nada sobre o ser, de taes perguntas e duvidas inopportunas a respeito da existencia de um vazio absoluto, sem contornos, sem limites e que não seria coisa alguma.

Bergson acredita que a representação do nada e da desordem tem valor positivo, pois tanto uma como outra são corollarios da idéa do ser e da ordem, só surgem no nosso espirito em consequencia de uma operação mental que attribue áquellas noções presumidamente negativas um conteúdo concreto e real. Tanto o nada como o cháos primitivo representam, ainda, alguma coisa, traduzem a substituição dos elementos que compõe o todo universal por outros elementos classificados arbitrariamente como negativos e inferiores aos primeiros. No fundo de tudo isso, não se verifica, de facto, uma suppressão, mas, apenas, uma substituição. O que predomina é a falsa concepção de que ha "menos" na idéa do nada do que na noção da plenitude e do ser, e de que ha "mais" na idéa da ordem do que na representação do cháos e da desordem. Bergson declara corajosamente que, na realidade, ha um conteúdo intellectual mais rico e complexo na idéa da desordem, do vazio e do nada do que na simples noção da existencia da ordem.

A reflexão critica sobre a obra do bergsonismo leva-nos a caminhos luminosos e incertos. Frequentemente tem-se a impressão de ser victima de um magico poderoso que altera a imagem das idéas e das coisas, afim de transmittir-lhes um prestigio que ellas nunca teriam dentro da ordem natural dos principios racionaes e humanos. Em outras occasiões, esse feiticeiro maravilhoso parece transformar os objectos e o ambiente que nos cerca, vivificar os problemas cortos da metaphysica tradicional, colorir intensamente as paizagens desencantadas do mundo interior e emprestar á creação philosophica, uma sentido esthetico que renova as perspectivas do pensamento esgotado e sem brilho.

Mas se resistimos á attracção dessa arte incomparavel de imprimir ás idéas o relevo e a sonoridade de uma perfeita melodia, o bergsonismo se apresenta sob aspectos bem differentes do que apparentava no calor enthusiastico das primeiras impressões. Occorre, então, a suspeita teimosa de que o philosopho francez sacrificou, muitas vezes, a exactidão á graça espontanea e fugaz, substituindo a segurança pelo effeito artistico e preferindo a amenidade á profundeza.

Não ha nenhuma irreverencia na affirmação de que Bergson soube evitar, com rara habilidade, os themas difficeis e as fórmas excessivamente sybillinas da especulação. Essa abstenção, embora justificavel, deu ao bergsonismo um caracter mais critico do que constructivo, um feitio accentuadamente polemico que o genio do philosopho disfarçou em retificação necessaria de erros e mal entendidos accumulados pela tradição.

Nada disso, porem, poderá justificar o facto incontestavel de que não existe, no bergsonismo, um systema ontologico, uma theoria do conhecimento e uma doutrina definida sobre o irracional. Essa ultima lacuna, aliás, é tanto mais de se notar quando se attenta em que a defesa da intuição, como methodo philosophico, impõe uma posição clara deante do inconsciente e do irracional. Essas considerações, porém, exigem mais vagar e implicam uma ampla justificação que convem reservar para outra opportunidade.

E' preciso ter sempre em vista, porém, que a refutação de um systma philosophico só póde ser feita com argumentos baseados em uma concepção do mundo que substitua vantajosamente aquella que se pretende destruir. De outra fórma a critica terá, apenas, a importancia relativa de um modesto e quasi inoffensivo reparo...